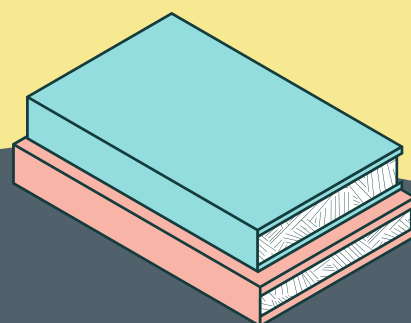
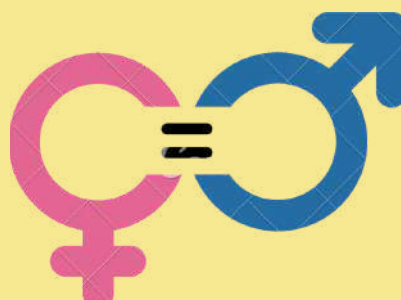


Ednara Araújo Nepomuceno

A desnaturalização dos marcadores de gênero das práticas corporais em aulas de Educação Física

SEQUÊNCIA DIDÁTICA



REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional - PROEF
Campus de Vitória - ES



PRODUÇÃO E ARTE

Ms. Ednara Araújo Nepomuceno
Dr^a. Erineusa Maria da Silva
Ms. Fernanda Silva dos Santos
Dr. Ueberson Ribeiro Almeida

COLABORADORES

Estudantes do 9º anos A e B (matutino), seus/suas responsáveis legais e servidores/as da EMEF Prof Iolanda Schineider Rangel da Silva.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N441d Nepomuceno, Ednara Araújo.
A desnaturalização dos marcadores de gênero das práticas corporais em aulas de educação física escolar : sequência didática / Ednara Araújo Nepomuceno, Erineusa Maria da Silva, Ueberson Ribeiro Almeida. – 2023.
44 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: <https://drive.google.com/file/d/1yvTSQK3cgFQ6sDGmt1vOMQDIsoxygZuP/view>

11. Educação física (aspectos sociais). 2. Exercícios físicos. 3. Identidade de gênero. I. Silva, Erineusa Maria da, 1968-. II. Almeida, Ueberson Ribeiro, 1977-. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. V. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliéte Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

SOBRE

EDNARA ARAÚJO NEPOMUCENO



Essa sequência didática foi preparada com muito respeito e carinho. Ela é resultado e produto educacional de nossas intervenções pedagógicas no Mestrado Profissional/PROEF

Sou Formada em Educação Física pela FAESA, com Especialização em Educação Física Escolar e Fisiologia do Exercício. Uma vascaína que ama futebol e pedalar

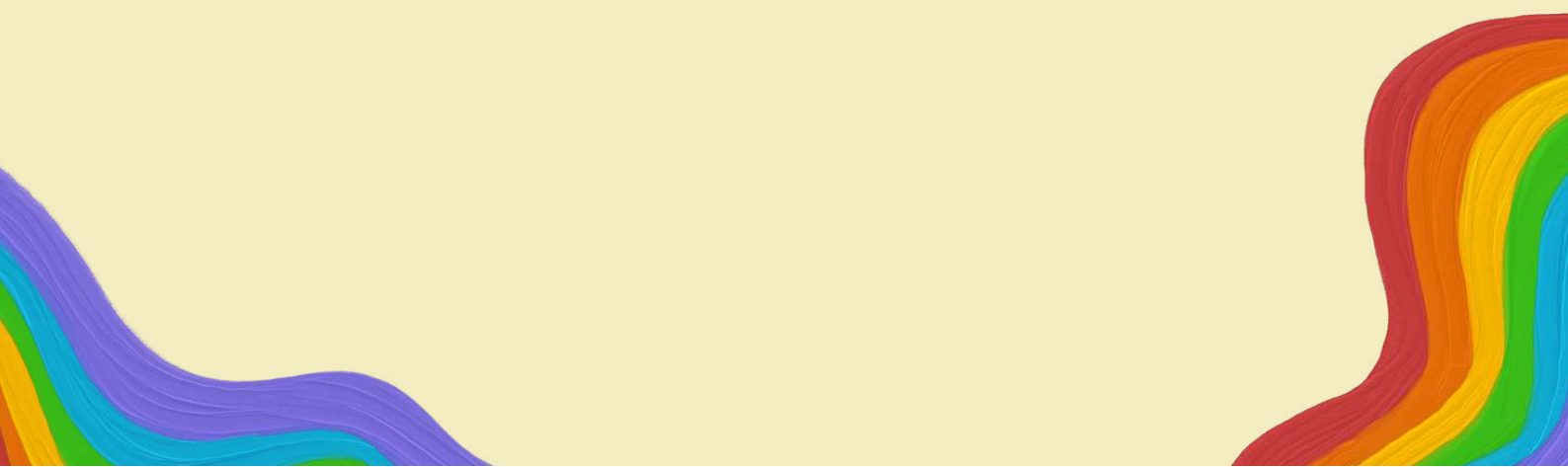
Espero que esse material ajude em suas aulas, e que elas sejam, de fato, transformadas em espaços mais igualitários das práticas corporais entre os gêneros

Meu e-mail é narinhagt@outlook.com e Instagram [@narinha_nepomuceno](https://www.instagram.com/narinha_nepomuceno). Sinta-se à vontade para entrar em contato!



SUMÁRIO

Apresentação.....	06
Por que falar de gênero no contexto escolar?.....	07
Organização e avaliação da sequência didática.....	16
Competências da BNCC (2017).....	17
Planejamento participativo.....	18
TEMA 1: “Jogos e brincadeiras e as relações de gênero”.....	20
Aula 01 e aula 02 - Elástico e cabo de guerra/ amarelinha e pular corda.....	21
Aula 03 - Avaliação do conteúdo dos jogos e brincadeiras e as relações de gênero.....	22
TEMA 2: “A (in) visibilidade das mulheres nos esportes e nas lutas”.....	23
Aula 04 - A (in) visibilidade das mulheres nos esportes.....	24
Aula 05 - Esportes e as relações de gênero: basquete pré-desportivo.....	25
Aula 06 - Esportes e as relações de gênero: futsal.....	27
Aula 07 - Esportes e as relações de gênero: handebol.....	28
Aula 08 - Avaliação da vivência dos esportes.....	29
Aula 09 - Oficina de skate.....	30
Aula 10 - Oficina de lutas - Muai Thay.....	31
Aula 11 - Atividades de lutas.....	32
TEMA 3: “Homens também dançam: Debatendo masculinidade e preconceitos”.....	33
Aula 12 - Debatendo preconceitos e masculinidades.....	34
Aula 13 - Oficina de dança.....	35
Aula 14 - Avaliação do conteúdo dança.....	36
Avaliações do projeto.....	37
Aula 15 - Simulação do júri popular.....	38
Aula 16 e 17 - Confeção dos cartazes.....	39
Aula 18 - Avaliação escrita do trabalho.....	40
Considerações finais.....	41
Referência.....	43



APRESENTAÇÃO

Professores e Professoras!

Sejam bem vindos(as) a nossa sequência didática! Que esse material possa auxiliá-los(as) a refletir, repensar e reorganizar as atividades pedagógicas objetivando desnaturalizar os marcadores de gênero das práticas corporais nas aulas de Educação Física. Todo esse material é fruto do Produto Educacional do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Este, juntamente com a dissertação intitulada “A desnaturalização dos marcadores de gênero das práticas corporais em aulas de Educação Física Escolar”, desenvolvida na EMEF Prof^a Iolanda Schineider Rangel da Silva, com as Turmas dos 9º A e B (acesse em: https://docs.google.com/document/d/1ZYeFY2OHUyk_dHHI9FZZih-_rwh0z3J/edit?usp=share_link&oid=100570067982745068099&rtpof=true&sd=true) são resultados das nossas intervenções pedagógicas, que aconteceram com a supervisão e orientação da Prof^a Dr^a Erineusa Maria da Silva - UFES e coorientação do Prof^o Dr. Ueberson Ribeiro Almeida – UFES, os quais agradecemos carinhosamente cada orientação e observação.



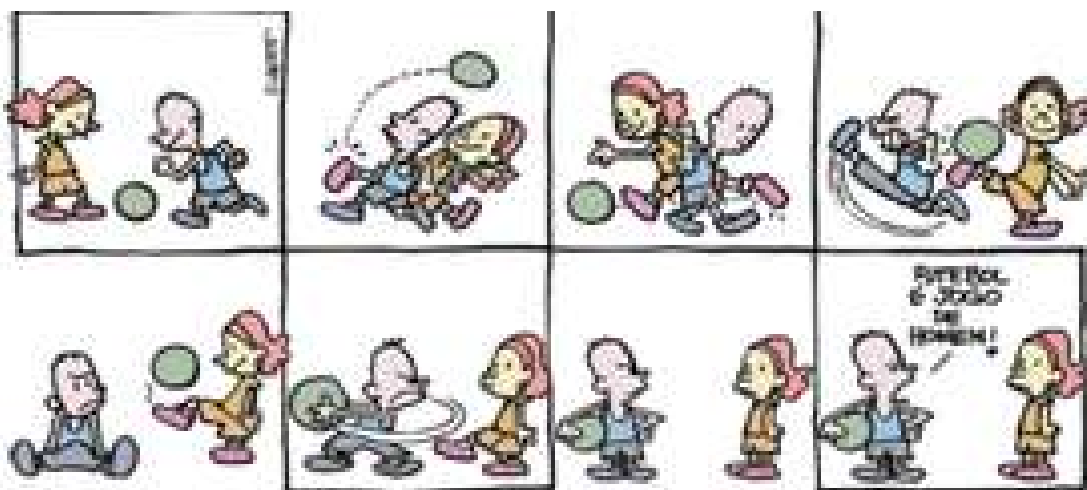
Por que falar de gênero nas aulas de Educação Física?

Antes de apresentarmos nossa sequência didática, é oportuno e indispensável falarmos sobre a importância e os porquês de desenvolvermos atividades pedagógicas que abordem a temática gênero em nossas aulas de Educação Física. Cada professor e professora, de forma muito particular, já vivenciou e vivencia diversas situações conflituosas da participação entre os gêneros e como eles e elas se relacionam nas aulas.

Podemos citar, neste contexto, dois extremos desta relação. De um lado é notório a desmotivação das meninas na medida que os anos escolares aumentam; ou então, quando algumas se destacam, por habilidade, enfrentam situações constrangedoras de machismo e preconceito. Outra situação enfrentadas por elas, é quando querem participar das aulas, mas não possuindo “habilidade”, escutam dos meninos, frequentemente, que elas estão “atrapalhando”. Essas são algumas das inúmeras situações enfrentadas por elas.

A charge abaixo, publicada pela folha de São Paulo, por Coutinho (2010) retratada, algumas situações que elas passam em aula. Na charge o menino aparece jogando bola com uma menina, porém ele percebe que a menina era mais habilidosa do que ele. Para não se sentir humilhado, o menino usa de seu poder de “dono da bola” e afirma com veemência que “Futebol é jogo de homem”, encerrando a brincadeira entre eles.

Figura 01 – Charge Brincadeiras de Meninos



Fonte: Coutinho (2010).

No outro extremo, temos os meninos, que em grande parte, são mais interessados e participativos, possuem um repertório motor melhor e que acabam ocupando uma territorialidade maior na quadra e, muitas vezes, possuem atitudes discriminatórias, machistas, sexistas e preconceituosas com as meninas nas aulas de Educação Física. Porém, não estão livres de preconceitos quando as aulas giram em torno do conteúdo de dança e algumas ginásticas.

Particularmente, a minha escolha de pesquisar sobre as questões de gênero que atravessam as aulas de Educação Física surgiu a partir das próprias experiências: desde as inquietações da minha infância até as aulas ministradas por mim nas quadras escolares. Isso decorreu, principalmente, porque ainda na atualidade, escuto as mesmas falas depreciativas, discriminatórias e excludentes para as meninas, as quais insistem em se integrarem nesse espaço.

É sabido, que a escola, enquanto lugar de constituições de sujeitos, precisa se aprofundar e avançar nos mais diversos e complexos diálogos, entre eles, as formas de relações de gênero, questionando os papéis e as condições sociais que os/as envolvem. Com isso, formar cidadãos e cidadãs conscientes, efetivamente solidários, que respeitem as diferenças, ensinando a repudiar qualquer forma de discriminação, violência, dominação e exploração. Sousa e Altmann (1999) nos dizem sobre o papel social da educação que:



[...] a nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (Brasil 1996), apesar de suas contradições, abre espaços para a construção de uma escola comprometida com a cidadania e com a rejeição à exclusão. Esses espaços são garantidos e reforçados pelas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental (Brasil, CNE 1998) que, ao regulamentar a lei, adota como princípios da educação a garantia aos direitos e deveres da cidadania, a política da igualdade, a solidariedade e a ética da identidade (SOUSA e ALTMANN, 1999, p. 01).

Paulo Freire (1996) também nos alerta para a importância social da educação, onde sua finalidade não é apenas a perpetuação e transmissão de conhecimentos específicos, por meio das disciplinas escolares, mas uma educação que vai além e, nos traz possibilidade de auxiliar na formação cultural dos/as estudantes, trazendo reflexões, inquietações, provocações e para os/as que nela estão envolvidos/as.

Desta maneira, as aulas de Educação Física imersas no espaço escolar, por meio da cultura corporal de movimento, têm um papel fundamental para as reflexões de construções e desconstruções sociais. Estas precisam ser pautadas em valores, respeito às diferenças, justiça, igualdade social, solidariedade e cooperação entre os gêneros. Segundo os autores Catunda, Sartori e Laurindo (2013) a Cultura Corporal de Movimento:



[...] está comprometida com a solidariedade, a cooperação, a tolerância, a inclusão e o respeito pelos outros. Estes aspectos são essenciais à formação dos alunos e devem ser repassados por meio de uma Educação Física, alicerçada no conhecimento científico, na qualidade técnica, na ética, no compromisso social dos docentes e no envolvimento com a comunidade escolar (CATUNDA; SARTORI; LAURINDO, 2013, p.17).

Portanto, discutir os marcadores de gênero é indispensável nas aulas de Educação Física, já que a escola se constitui como um espaço de desenvolvimento das potencialidades afetivas e cognitivas dos(as) estudantes, possibilitando encaminhá-los/as para a autonomia, liberdade e responsabilidade social. Isso porque, como nos relata Szenczuk (2015):

[...] é através da educação que se garante o processo de aquisição do conhecimento historicamente elaborado aos educandos. Sabe-se que o domínio do conhecimento é necessário para que o homem [a pessoa] se torne humano [humana], pois sem o conhecimento o ser humano está fadado a repetir os seus erros e a retroceder, tanto individualmente como socialmente (SZENCZUK, 2015, p. 1961).

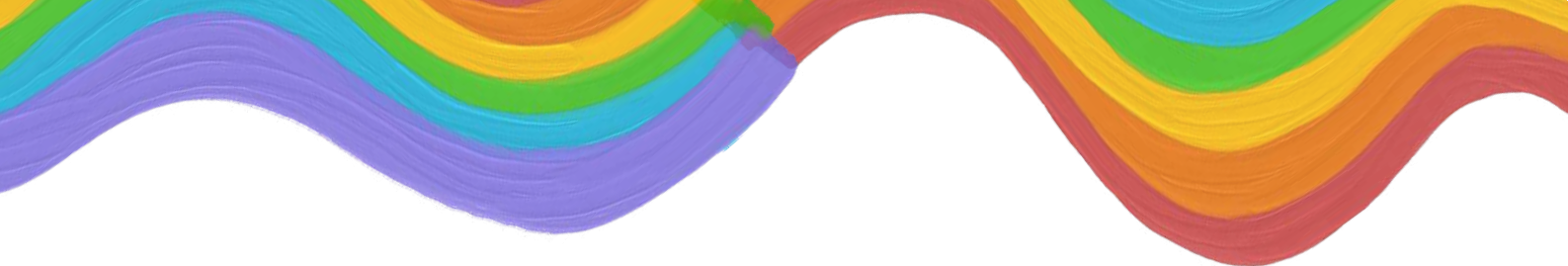
Acreditamos que não problematizar esse tema em uma escola democrática e republicana significa silenciar ou pactuar com a reprodução de uma organização de sociedade hierárquica, desigual, preconceituosa e machista. Conforme Goellner (2010, p. 77) nos elucida: “Quando se usa o termo problematizar, enfatiza-se que é necessário colocar em suspeição algumas verdades com as quais nos deparamos cotidianamente, pois provavelmente elas não são assim tão verdadeiras”.

Observamos a charge de Laerte (2019), a qual simboliza uma escola sexista reproduzindo o que foi determinado culturalmente pela sociedade para os gêneros. Essa acepção aprisiona o homem e a mulher em normas de comportamento estipuladas conforme o sexo biológico de nascimento e oprime qualquer comportamento ou condição que desloque esse padrão criado, que alinha sexo biológico a uma identidade de gênero “X” e a uma orientação sexual “Y”.

Figura 02 – Escola Infantil



Fonte: Gênero Número (2019).



Sob a ótica contemporânea, a Educação Física escolar precisa reconhecer o seu papel na formação social dos seres humanos. Dentre esse papel está a não priorização somente das aptidões físicas individuais, coletivas e esportivista, mas o reconhecimento que a Educação Física trata pedagogicamente também da formação ética e estética dos humanos. Assim, problematizar a questão das diferenças, das desigualdades e do respeito a diversidade é fundamental nesse processo.

Por isso, é importante, nesse movimento, ressaltar que o papel do(a) professor(a) de Educação Física é perceber, através dos discursos e movimentos corporais dos(as) estudantes, os conflitos de gênero e proporcionar-lhes as mesmas possibilidades e oportunidades vivenciais dos conteúdos da área, independentemente das suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

São notórios os avanços que até o momento foram arduamente conquistados, seja por meio dos grupos de estudos sobre os gêneros, movimentos feministas, leis federais, estaduais/municipais, debates sociais e pesquisas diretamente nas escolas. Entretanto, apesar desses movimentos e leis, estamos testemunhando em nossa sociedade, principalmente a partir de 2014, com a aprovação do Plano Nacional de Educação, um forte conservadorismo em relação à educação de gênero dentro de nossas Unidades Escolares.

Esse conservadorismo está emergindo de fora para dentro nas escolas. A exemplo disso, em 2018, durante as eleições presidenciais, o então candidato à Presidência Jair Bolsonaro fez questão de ebulir o tema Ideologia de Gênero, sob uma pauta ideológica, distorcendo o real significado e a importância de refletir sobre gênero em nossas escolas.

Segundo ele, esse assunto deve ser tratado exclusivamente no interior familiar. Em um evento evangélico de 2019, “Marcha para Jesus”, o Presidente Jair Messias Bolsonaro (2019) proferiu a seguinte frase em cima de um trio elétrico para a multidão presente: “Não existe essa conversinha de ideologia de gênero, isso é coisa do capeta”.



Esse tipo de narrativa ecoada não se restringe à fala de um presidente, mas faz parte de vários movimentos que são fortemente contrários à discussão de gênero nos espaços escolares. Entre esses exemplos, temos também visões de parlamentares e famílias que defendem a escola como instituição de ordem do privado, como se cada pai ou mãe pudesse definir de forma individual o que a escola deve ou não tratar, na contramão da escola republicana e como projeto de nação.

Esse termo, “ideologia de gênero”, tem se alastrado fortemente na América Latina pelos seus principais divulgadores, o argentino Jorge Scala e a Igreja Católica (CNBB), e ganha espaços entre esses conservadores, os quais citamos acima, dizendo que um dos objetivos principais de falar sobre gênero é assolar a família tradicional, e que essa teria o apoio e financiamento da ONU e da OMS (REIS e EGGERT, 2017). Mas conforme mencionam Silva et al., 2016, p.07.

No que se refere à diversidade sexual, o que temos defendido não é o fim da família nuclear, heteronormativa, mas a ampliação do conceito de família e a possibilidade de que os seres humanos construam os seus afetos sem as amarras do Estado. Observamos, nas matérias veiculadas em torno dessa discussão, que esse setor da sociedade entende a ideologia de gênero como a que determina a ausência do sexo feminino. Equivocam-se ao dizer que querem definir (ideologicamente, entendida como doutrinação) os comportamentos sexuais, pelos seguintes argumentos. Primeiro, portanto, sobre o qual o/a professor/a possa interferir. A sexualidade é um fenômeno multifacetado que envolve as dimensões culturais, sociais, históricas, políticas, psicológicas e também as dimensões biológicas. Nesse sentido, a sexualidade não deve ser compreendida como simples questão de genética, de instintos ou de impulsos hormonais. Segundo, porque os/as professores/as têm realizado ações no sentido de de meninos e meninas. A compreensão de que é o viés biológico que define a orientação sexual das pessoas num jogo binário, ou seja, nasceu com pênis será menino com todas as marcações culturais construídas para essa identidade, acaba forçando o enquadramento das pessoas a um padrão heteronormativo, mesmo aquelas que se orientam para um modo de sexualidade diferente desse padrão largamente legitimado socialmente.



Importante reafirmar nosso desejo de uma educação em gênero para o respeito e tolerância, para a equidade das relações e condições de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Todas as manifestações negativas, acabam inibindo os(as) professores(as) de trabalharem o tema nas escolas. Em nossa pesquisa, por exemplo, perguntamos aos(às) professores(as) se eles(elas) trabalham a temática.





Ao todo dos 11 professores(as), 03 (27,28%) responderam sim, e 08 (72,72%) responderam que nunca desenvolveram esse tema com seus(suas) estudantes. Perguntamos também, de que forma a temática era desenvolvida e coletamos as seguintes respostas:

"Planejo e implemento individualmente projetos que tratam da temática" (Fonte: questionário do professor).

"Articulei o conteúdo das disciplinas que leciono com a temática gênero e sexualidade" (Fonte: questionário da diretora).

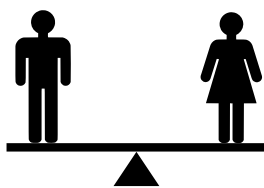
Diante dos números, verificamos que poucos respondentes em nossa pesquisa discorrem esse tema em suas aulas. Os(as) que relataram abordar, desenvolveram apenas com seus(suas) estudantes, ou seja, não aconteceu um projeto que envolvesse a comunidade escolar para falar sobre a temática. A essa ação, Silva (2021) denomina de silenciosa-individual, porque, mesmo diante das pressões, esse(a) professor(a) assumiu suas responsabilidades e não se eximiu em abordar gênero. Assim, os(as) docentes, aos poucos, mesmo que devagar, aproveitando/criando as oportunidades, vão introduzindo esse tema em suas aulas.

A ação do tipo silenciosa-individual, no entanto, não significa uma ação desprovida de otimismo. Pelo contrário, há ações que demonstram otimismo por parte de quem as realiza, porém, esses/as professores/as acreditam que é 'devagarinho' que se alcançam as mudanças, 'sem bater de frente'. Essa característica se apresenta pela ideia de ir 'comendo pelas beiradas e de 'pegar o gancho' para entrar no assunto e debater sobre gênero e sexualidade (SILVA, 2021, p.175).

Mas o fato é que, seja de forma silenciosa-individual ou coletiva, falar de gênero é um movimento tão relevante e desafiador que, mesmo diante das dificuldades que encontramos, estas não podem ser maiores que o combate à violência de gênero e da população LGBTQIAP+. A abordagem de gênero na escola, além de combater esses tipos de violência e discriminação, nos permite tratar temas como gravidez na adolescência, relações abusivas, desigualdade, liberdade, tolerância, diversidade, além de tantos outros assuntos ligados a gênero.



Além dessas perguntas, solicitamos aos(às) professores(as), em nossa pesquisa, que disseram nunca ter trabalho gênero em suas aulas que justificassem quais foram os motivos pelos quais tomaram essa atitude. Suas respostas seguem abaixo:



"Sou professora de séries iniciais e ainda há um tabu muito grande sobre esses temas, principalmente com as crianças menores" (Fonte: questionário da coordenadora).

"Infelizmente, hoje esse assunto é polêmico porque as pessoas estão mais preocupadas em brigar do que discutir sobre o tema e usam as crianças e os adolescentes como iscas" (Fonte: questionário da professora).

"Não, pois não tenho o conhecimento necessário para abordar o tema" (Fonte: questionário da professora).

"Não, falta conhecimento" (Fonte: questionário do professor).

"Não, infelizmente é muito difícil tratar esse tema com os estudantes (no meu caso, fundamental I), pois as famílias geralmente não aceitam e vão à escola questionar" (Fonte: questionário da pedagoga).

Essas justificativas, infelizmente, fazem parte de uma realidade do contexto escolar. A falta de conhecimento/preparo docente, as polêmicas, as pautas conservadoras, a interferência familiar, essas e outras justificativas são elementos que professores(as) acreditam serem substanciais não tratarem da questão de gênero e sexualidade nas aulas, somando ao fato da supressão do tema na própria BNCC, o que acaba afetando as intervenções pedagógicas dessa problemática nas variadas disciplinas (BARBOSA; FOLMER, 2019).

Falar de gênero no ambiente escolar, categoricamente, é um desafio para a educação enquanto lugar de formação, apropriação e acolhimento, pois, como sabemos e já citamos o tema, é repleto de preconceitos, de tabus e de relação de poder. Por isso, ao ser tratado na escola, gera desconforto aos grupos ultraconservadores, acrescentado ainda a subversão religiosa baseada na criação divina de homem x mulher. Apesar das inúmeras tentativas de proibir e coibir professores e professoras de abordarem gênero em suas aulas, possuímos marcos legais que nos respaldam acerca do direito e do dever de falarmos sobre o assunto.



A começar pela Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, o qual nos diz sobre a igualdade de gênero:

[...] todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Temos também a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB/96), que dispõe:




Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Art. 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância (BRASIL, 1996, grifos nossos).

Além das leis citadas acima, contamos com o Plano Nacional de Educação que engloba, entre suas diretrizes, a necessidade de erradicar todas as formas de discriminação. Podemos, ainda, listar outros documentos, como as Diretrizes Nacionais Curriculares gerais da Educação Básica, Lei Maria da Penha, Resolução Nº 1, de 19 de janeiro de 2018, dentre outras.

Diante de todo esse movimento, discutir gênero nas escolas não tem sido fácil. Sendo assim, a importância deste produto educacional - Sequência didática, respalda-se em uma ação reflexiva pedagógica, juntamente aos(às) estudantes, por meio do planejamento participativo, em que consideramos procedimentos metodológicos que possam provocar e proporcionar o desenvolvimento das práticas corporais que visem a estabelecer a equidade de gênero na sua fruição.





Ao falarmos sobre equidade de gênero dentro do ambiente escolar, é necessário buscarmos, primeiramente, analisar as discriminações que venham a ocorrer nesse local. Neste sentido, torna-se importante observar as posturas das meninas, dos meninos, dos/as profissionais. Também dos pais, das mães e/ou dos/as responsáveis, pois esses têm uma forte influência na formação de caráter e personalidades de nossos/as estudantes.

Trabalhamos com o pressuposto de que a sociedade, sob a influência da cultura patriarcal, convive com experiências desiguais entre os gêneros. Nessa lógica, prevalece uma cultura de gênero predominante (homem/heteronormativo) em relação a outras como (mulher, gays, lésbicas, trans, etc). Ribeiro e Matos (2020), conceituam a heteronormatividade como:

[...] um dispositivo histórico e cultural e que produz violências àqueles que não estão dentro da norma, evidenciando estas violências como forma de punição e regulação social, criando uma hierarquia sobre as existências que organiza modos de funcionamento e relações, além de mostrar como estão estruturadas as violências e as consequências destas na vida dos sujeitos, pode-se dizer que estas violências são resultantes das concepções heteronormativistas da existência (RIBEIRO e MATOS, 2020, p. 09).

Por isso, a Educação Física escolar, inserida nessa sociedade como uma prática sociocultural, não pode se eximir desse debate. É evidente a necessidade de abordarmos esses conceitos e questões e como estes refletem nas práticas corporais, bem como podem sofrer transformações que venham a reorganizar as formas de desenvolver e conceber suas atividades de forma crítica e reflexiva no contexto escolar.

Nesse sentido, o objetivo do nosso estudo/intervenção foi de promover intervenções pedagógicas que estimulassem a reflexão e a desnaturalização dos marcadores entre os gêneros nas práticas corporais com as turmas do 9ºA e B da Unidade Escolar EMEF Profª Iolanda Schineider Rangel da Silva.



ORGANIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Este caderno está organizado em 3 temas e 03 avaliações. A primeira temática aborda o conteúdo de jogos e brincadeiras com o tema “jogos e brincadeiras e as relações de gênero”, a segunda temática trabalhamos com “a (in)visibilidade das mulheres nos esportes e nas lutas”, onde além dos esportes tradicionais como futsal, basquete e handebol, contamos com duas oficinas, uma de Skate e a outra de Muai Thay; e por fim temos o conteúdo dança com a temática “Homens também dançam: debatendo preconceitos e masculinidades”, sendo este, composta por uma oficina de dança.

Como forma avaliativa do nosso projeto, além de nossas observações, fotografias, relatos verbais e escritos no percurso das aulas, utilizamos a simulação de um júri no qual utilizamos o Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que no Art. 54, menciona que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Outra avaliação que utilizamos foi a confecção de cartazes, pois acreditamos que por meio das imagens, conseguimos estabelecer uma relação com os temas que foram abordados nas aulas e transcrever as ideias e assimilações os conteúdos por parte dos/as estudantes. E por último, uma avaliação geral do projeto por meio de um questionário final com perguntas objetivas e discursivas.

Importante ressaltar, que antes de iniciarmos efetivamente as intervenções pedagógicas, foram aplicados questionários que envolveram os pais/mães/responsáveis, os servidores/as da Unidade de Ensino e os/as estudantes, como forma de compreender minimamente o que pensavam esses atores e atrizes a respeito da temática e por onde poderíamos caminhar. Após a análise desses questionários realizamos um encontro com eles/elas no auditório da escola. Assim, trabalhamos a temática gênero durante 19 aulas, sendo essas entre a aplicação do questionário diagnóstico até o da avaliação final, incluindo neste contexto a Palestra de Violência de gênero ministrado pela Assistente Social da Polícia Civil.

COMPETÊNCIAS BNCC (2017)

Como competências específicas da área de Educação Física, nossas intervenções foram baseadas no que diz a BNCC (2017, p. 223):

- 1- Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho corporal, analisando, criticamente os modelos disseminados na mídia e discutir posturas preconceituosas;
- 2- Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatório em relação às práticas corporais e aos seus/suas participantes;
- 3- Interpretar e recriar os valores, sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos/as sujeitos/as que delas participam;
- 4- Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos;
- 5- Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde;
- 6- Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do/a cidadão/cidadã, propondo e produzindo alternativas para a sua realização no contexto comunitário;
- 7- Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Espero que aproveitem o material construído! Vamos aos trabalhos...

Considerem o propósito desta sequência.



Professora Ednara Araújo Nepomuceno

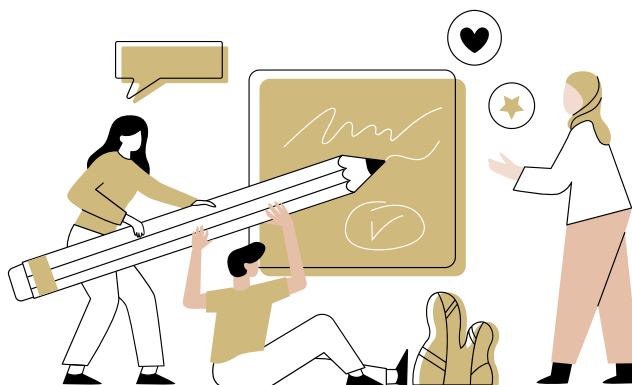


PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Iniciamos nossas intervenções por meio do planejamento participativo com os/as estudantes, pois acreditamos que além de ser uma proposta desafiadora é um método singular de integrá-los(las) e torna a escola mais ativa, reflexiva e dinâmica na formação humana, constituindo, assim, uma possibilidade de ensinar-aprender com protagonismo. Em nosso entendimento, o planejamento participativo é uma possibilidade canalizadora para uma educação transformadora, problematizadora e emancipatória via práticas corporais e, em nosso caso específico, em relação a temática gênero.

O planejamento iniciou com a organização dos(as) estudantes em pequenos grupos de no máximo 05 participantes. Eles(elas) se organizaram livremente e cada grupo escolheu duas práticas corporais a serem vivenciadas de maneira articulada ao tema gênero. Ao final verificamos quais foram os 03 conteúdos mais escolhidos pelos grupos e acrescentamos mais 02 práticas corporais.

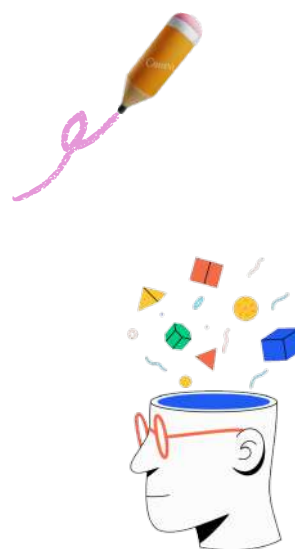
Após feitas as escolhas, o próximo passo foi decidir a sequência das práticas corporais a serem problematizadas/vivenciadas. Em nosso caso o resultado do planejamento participativo foi: 1) jogos e brincadeiras; 2) esportes tradicionais, esporte de aventura e lutas; 3) dança. Além desses conteúdos, acordamos em fazer debates, exposições e palestras referentes ao tema gênero. O quadro abaixo, demonstra os temas, conteúdos e os objetivos acordados em nosso planejamento participativo.



PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

TEMAS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS
TEMA 1: "Jogos e brincadeiras e as relações de gênero"	Jogos e brincadeiras	1 - vivenciar as brincadeiras antigas; 2 - discutir as relações de gênero, refletindo a importância de brincar juntos/as; 4 - valorizar os jogos e as brincadeiras como forma de lazer e integração social.
TEMA 2: "A visibilidade das mulheres nos esportes e nas lutas: o que fazer para mudar essa situação"	Esportes tradicionais (futsal, handebol e basquete), lutas e esportes de aventura	1 - discutir as visibilidades e invisibilidades das mulheres nos esportes e nas lutas; 2 - incentivar a participação das meninas nos esportes e as lutas.
TEMA 3: "Homens também dançam: Debatendo masculinidade preconceitos"	Dança	1 - desenvolver uma cultura não preconceituosa e não discriminatória das manifestações e expressões corporais a partir das questões de gênero, construindo assim, relações respeitosa; 2 - debater temas como masculinidade e preconceitos no universo das danças, estimulando o interesse pela dança para todos os gêneros.
Avaliações das intervenções	Debates, confecção dos cartazes e avaliação escrita	1 - demonstrar conhecimentos aprendidos sobre a importância de ressignificar conceitos relacionados aos gêneros por meio das práticas corporais.

A organização das ações escolares por meio do planejamento participativo pode se apresentar como antídoto, ao possibilitar a reflexão sobre a realidade e possibilidades de sua transformação pela mediação de cada sujeito que dela faz parte. Como processo coletivo transformador, a participação apresenta-se como possibilidade de todos usufruírem do que é bem comum, pois propicia aos sujeitos assumirem um papel ativo na sociedade (SANTOS, MACEDO E FERRI, 2012, p.182).



Planejamento participativo

TEMÁTICA 1

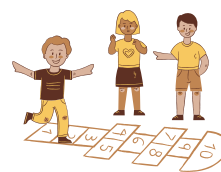
“Jogos e brincadeiras e as relações de gênero”

Como existe um vasto campo para a vivência desse conteúdo, pode-se optar, por meio do planejamento participativo, quais as brincadeiras que os(as) estudantes querem vivenciar juntamente com a temática gênero. Em nosso caso, as escolhas foram: elástico, cabo de guerra, amarelinha e pular corda. Importante mencionar que podem ser sugeridas outras brincadeiras.

OBJETIVO: Vivenciar as brincadeiras antigas; discutir as relações de gênero, refletindo a importância do brincar juntos(as); valorizar os jogos e as brincadeiras como forma de lazer e integração social.

HABILIDADE: Participação e organização das brincadeiras, experimentar e fruir, na escola e fora dela, os jogos e as brincadeiras, valorizando e respeitando a pluralidade e a diversidade. Discutir estereótipos e preconceitos relativos aos jogos/brincadeiras, propondo alternativas para superá-los.

UNIDADE TEMÁTICA: Jogos e brincadeiras.



AVALIAÇÃO: Observações, relatos, fotografia, vídeos, questões disparadoras, participação nas atividades.



Aula 01 - Amarelinha e cabo de guerra

Aula 02 - Elástico e pular corda

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 2 (duas) aulas com 50 minutos

Materiais pedagógicos: A depender das brincadeiras escolhidas, em nosso caso utilizamos cordas, giz de cera, elásticos.

Metodologia:

1º - Momento: Explicação da dinâmica da aula e seu objetivo.

2º - Momento: Organize os/as estudantes conforme as estações das brincadeiras que formarão na quadra previamente, para que assim todos(as) possam experimentar sem enfrentar filas. Ao alerta sonoro (apito), os grupos irão trocar para outra estação/brincadeira.



Outra possibilidade interessante neste conteúdo, é solicitar que os(as) estudantes pesquisem com seus pais/responsáveis quais as brincadeiras que eles(elas) faziam em suas infâncias, pois é uma oportunidade para discutir a perpetuação de uma cultura generificadas das brincadeiras!

Aula 03 - Avaliação escrita da vivência dos jogos e brincadeiras

Desenvolvimento: Esse momento acontece na sala de aula, na quadra ou em outro espaço que desejar. Comece dialogando sobre o que os(as) estudantes acharam das brincadeiras vivenciadas nas aulas anteriores, e solicitem que relatem, por meio da escrita, a seguinte questão disparadora e discuta com eles(elas) nas próximas aulas as respostas. Outra possibilidade é solicitar a confecção de maquetes das brincadeiras, onde os gêneros brincam juntos e expor para a escola.

Questão disparadora

Você acredita que existem jogos e brincadeiras diferentes para meninos e meninas? Porque?



confira o plano de aula com alguns relatos em:

https://docs.google.com/document/d/1GPKiiD6PPpZT_xJtwQcUMyLzEq6Po_D8/edit?usp=sharing&oid=100570067982745068099&rtfpof=true&sd=true

Planejamento participativo

TEMÁTICA 2

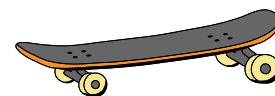
"A (in)visibilidade das mulheres nos esportes tradicionais, esportes de aventura e nas lutas"



O objetivo deste bloco/conteúdo foi apresentar a (in) visibilidade das mulheres nos esportes e nas lutas, já que muitas vezes, elas são naturalizadas como aquelas sem habilidades e frágeis para tal. Desta forma, mostrar que elas podem ocupar esse espaço é um dos objetivos a serem alcançados e que os achismos próprios do senso comum não podem e nem devem ser empecilho para elas demarcarem presença neste lugar. E para além disso, a finalidade é incentivar as meninas em nossas aulas a experimentarem os esportes tradicionais, esportes de aventura (skate) e as lutas, esses ricos conteúdos, nas aulas de Educação Física escolar.

Objetivos: Vivenciar os esportes coletivos, adotando atitudes de respeito e solidariedade, repudiando atitudes preconceituosas e machistas; refletir e questionar a participação das mulheres nos esportes coletivos/individuais, nas lutas e nos esportes de aventura; reconhecer e valorizar atitudes não discriminatórias relacionadas ao gênero; discutir a influência da mídia na representação das mulheres nos esportes; refletir sobre a inclusão e exclusão das mulheres nos esportes em determinados momentos históricos.

Habilidade: Experimentar e fruir esportes de invasão, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo de forma lúdica. Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (violência de gênero) e a forma como as mídias os apresentam. Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem. Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente. Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.



Unidade temática: Esportes tradicionais, lutas e esportes de aventura.

Avaliação: Observações, relatos, fotografia, vídeos, questões disparadoras, participação nas atividades.

Aula 04 – A (in) visibilidade das mulheres nos esportes

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Pincel, apagador, TV multimídia, Internet.



Metodologia:

1º - Momento: Explicação da dinâmica da aula e seu objetivo.

2º - Momento: Exibir o vídeo abaixo - espnW Brasil - Invisible Players, interagindo e dialogando com os(as) estudantes na medida que ele for sendo exibido, fazer a mesma dinâmica utilizada no vídeo e no final refletir sobre as seguintes questões disparadoras:



Porque as mulheres não foram citadas?

<https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqjo>



Como podemos mudar essa situação?

Existe diferença no tratamento entre os gêneros nos esportes?

Aula 05 – Basquete pré-desportivo e as relações de gênero

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Bola de basquete.

Metodologia:

1º - Momento: Explicação da dinâmica da aula e seus objetivos.

2º - Momento: Os(as) estudantes são organizados em 03 equipes. A equipe que não for alcançando o objetivo sai do jogo para a entrada da equipe que está esperando sua vez de jogar.

Objetivo da atividade: Acertar a cesta do basquete por meio de três tentativas para cada estudante que conseguir entrar dentro da área delimitada.

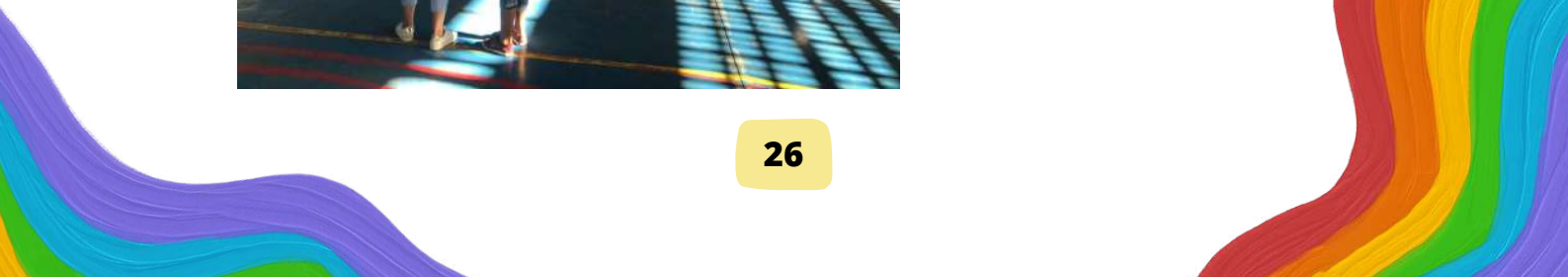
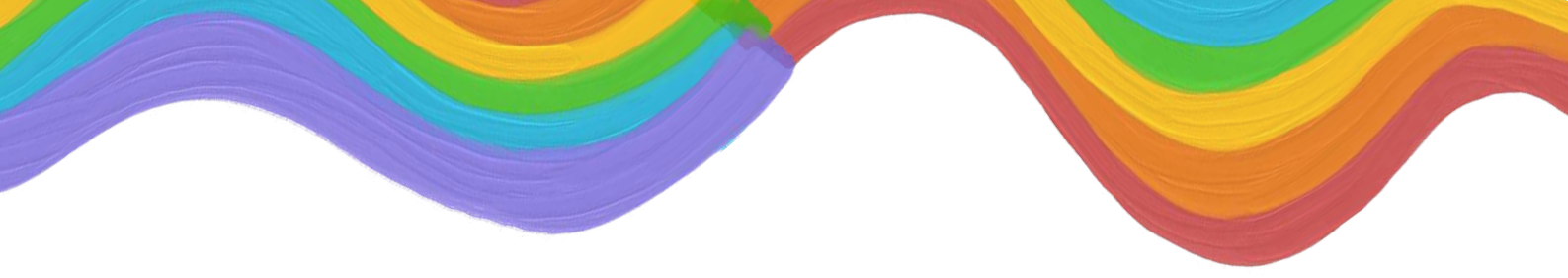
Para o desenvolvimento das atividades, utiliza-se como base a brincadeira do pique bandeira, porém ao chegar na área ao invés de ter uma bandeirinha terá uma bola de basquete. Cada estudante que ao conseguir entrar na área terá direito a 03 arremessos, não importa de onde. Ganha a partida quem acertar a cesta primeiro. Caso o(a) estudante, mediante a 3ª tentativa errar, este(esta) será considerado(a) “boiado(a)”, sairá da área da bandeirinha e esperará até que seja “desboiado(a)”. Depois da atividade, reúna a turma e dialoguem quanto às experiências vivenciadas da atividade e, solicitem que apontem quais os desafios, limites, e outras possibilidades encontradas no jogo.

3º - Momento: Roda de conversa com a seguinte questões disparadoras:

Em relação a atividade proposta de hoje, você acredita que ficaria melhor fazendo só com pessoas do mesmo gênero que o seu?

Sentiu algum desconforto/dificuldade em fazer a atividade com gêneros diferentes?







Aula 06 – Futsal e as relações de gênero

Turma: 9º ano – Ensino fundamental

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Bola de futsal

Metodologia:

1º – Momento: Explicação da dinâmica da aula e seu objetivo.

2º – Momento: Os(as) estudantes são organizados(as) em 03 equipes. A equipe que não for alcançando o objetivo sai do jogo para a entrada da equipe que está esperando sua vez de jogar.

Objetivo da atividade: Utiliza-se como regra a base o futsal, porém, assim que uma equipe fizer o gol, todos(as) jogadores(as) (inclusive quem sofreu o gol) correm para sua linha de fundo do futsal. A equipe que chegar primeiro, em cima dessa linha, vence e a que chegou por último sai e cede lugar para a equipe que está de fora. Após a atividade, reúna a turma e dialogue com a turma quanto às experiências que vivenciaram na atividade com o objetivo de apontar desafios, limites e possibilidades encontradas no jogo.

3º - Momento: Roda de conversa com a seguinte questões disparadoras:



As dificuldades dentro do jogo foram iguais para meninos e meninas?

Se não foram, quem teve mais dificuldade e porque?



Dica de leitura

Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol

Fábio Franzini Doutorando em História Social - FFLCH/USP disponível em

https://www.researchgate.net/publication/250987026_Futebol_e_coisa_para_macho_Pequeno_esboço_para_uma_historia_das_mulheres_no_país_do_futebol

Aula 07 – handebol e as relações de gênero

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Bola de handebol e giz.



Metodologia:

1º – Momento: Explicação da dinâmica da aula e seu objetivo. Levante questionamentos para que os/as estudantes relatem, por escrito, as seguintes questões: (estipule um prazo para recolher esses relatos e discuta nas próximas aulas)

- 1) Mulheres e homens têm o mesmo tipo de tratamento nos espaços esportivos na escola ou fora dela? (responder com alguém da família)
- 2) O que vocês acharam de jogar handebol juntos (as)? (resposta individual)



2º – Momento: Os(as) estudantes são organizados em 03 equipes. A equipe que não for alcançando o objetivo sai do jogo para a entrada da equipe que está esperando sua vez de jogar. Cada equipe escolherá uma pessoa para ficar dentro do círculo feito com giz. Utilizando as mesmas regras do handebol, a bola deverá chegar até a pessoa escolhida que estará dentro do círculo, ganha a partida quem conseguir colocar a bola nas mãos dessa pessoa por duas vezes.

Objetivo da atividade: Fazer com que a bola chegue nas mãos de quem estará dentro do círculo por duas vezes.



Aula 08 - Avaliação escrita das vivências com os esportes tradicionais

Desenvolvimento: Esse momento acontece em aula, na quadra, ou em outro espaço que desejar. Comece dialogando sobre o que os(as) estudantes acharam dos três esportes praticados nas aulas anteriores (basquete, futsal e handebol) e solicite que relatem, por meio da escrita, as seguintes questões disparadoras:

Questões disparadoras

I) Quem teve mais dificuldade? Porque?

II) As dificuldades dentro dos jogos foram iguais para meninos e meninas?



confira o plano de aula
com alguns relatos em:

https://docs.google.com/document/d/1J9u5FiJNoQf8_j7xDmt8N8jSulp6_uMi/edi...
t?
usp=sharing&oid=1005700679827450680998&rtoref=true&sd=true



Aula 09 – Oficina de Skate

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Rampa de skate, skate, capacete de proteção e outros

Metodologia:

1º – Momento: Convide uma atleta para um bate papo com a turma, pode solicitar que ela aborde suas experiências no esporte, aceitação da família e preconceitos vividos nas rampas de skate. Ao final, como sugestão e se não for mencionado, faça as seguintes perguntas: 1) Já sofreu preconceito nas pistas de skate por mulher? 2) Como é a participação das meninas neste esporte? 3) Como é a relação dos meninos com as meninas que praticam esse esporte? No decorrer da conversa, podem surgir outras perguntas.

2º - Momento: Após os diálogos, demonstração e vivência do esporte.

Dica de Leitura

As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas

Giancarlo Marques Carraro Machado

Assista ao vídeo produzido da aula em:



<https://www.youtube.com/shorts/KHfY7OjTosI>



Aula 10 – Oficina de Muai Thai

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos



Materiais pedagógicos: Tatami e materiais da luta Muay Thai

Metodologia:

1º – Momento: Convide uma atleta para um bate papo com a turma, dialogue sobre a participação e sobre preconceitos em relação as mulheres nas lutas e suas experiências. No final pode abordar as seguintes perguntas (sugestão): Já sofreu preconceito nas lutas por ser mulher? Já pensou em desistir por preconceito? Sua família te apoiou na prática desse esporte?

2º – Momento: Vivência da luta conforme didática da atleta.



Aula 11 – Atividades de lutas

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Objetivo: Vivenciar atividades de lutas e dialogar sobre a ideia de fragilidade feminina socialmente produzida.

Materiais pedagógicos: Giz de cera e barbante.

Metodologia:

1º – Momento: Explicação da dinâmica da aula e seu objetivo.

2º – Momento: Solicitar que os(as) estudantes formem duplas e que a escolha, no primeiro momento, seja feita por tamanho, peso e mesmo gênero. Cada dupla ficará dentro de um círculo (desenhado com giz) na quadra. A primeira atividade é retirar o seu oponente de dentro do círculo, empurrando com as mãos e com o corpo. A segunda atividade, peça que os(as) estudantes abaixem e tentem desequilibrar o(a) seu(sua) oponente encostando as nádegas no chão. A terceira atividade constitui em retirar dois barbantes postos na cintura de cada participante (um em cada lado). O objetivo é tirar os barbantes do seu/sua oponente. Depois dessas experiências, troca-se as duplas, fazendo as atividades de forma mista. Todas as atividades foram feitas com a melhor de 03 partidas.

3º - Momento: Roda de conversa com as seguintes questões disparadoras direcionadas aos meninos e as meninas:

Vocês meninos, sentiram mais facilidade em fazer a atividade com as meninas? qual a diferença de fazer com os meninos? que diferença pode apontar

O que as meninas acharam quando a dupla foi mista? Teve mais dificuldade ou mais facilidade em fazer quando a dupla era com menino ou com menina?



Planejamento participativo

TEMÁTICA 3

“Homens também dançam: Debatendo a masculinidade e os preconceitos”

Objetivos: Refletir sobre as danças e a ideia de que os homens não dançam; discutir os aspectos sociais desenvolvendo uma cultura não preconceituosa e não discriminatória das manifestações e expressões corporais a partir das questões de gênero; debater temas como masculinidade e preconceitos no universo das danças; proporcionar o interesse da dança para todos os gêneros; construir relações respeitadas entre os gêneros por meio do conteúdo da dança. Dialogar sobre as questões de preconceito, modismo, inclusão/exclusão de gênero nas danças, propondo compreensão e superação desses tópicos; identificar as diferentes formas de preconceitos existentes nas danças; relatar por meio da escrita, suas opiniões sobre o universo da dança para os homens.

Habilidade: Discutir estereótipos e preconceitos relativos às danças e demais práticas corporais e propor alternativas para sua superação. Apropriar dos elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças.

Unidade temática: Dança

Avaliação: Observações, relatos, fotografia, vídeos, questões disparadoras, participação nas atividades.

Dica de leitura

A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento.

KLEINUBING, N. D. ; SARAIVA, M. C. ; FRANCISCHI, V. G.

disponível em:

<https://www.scielo.br/j/refuem/a/vdX5TG9F3cCkz4vLzxSF5VF/?format=pdf&lang=pt>



Aula 12 - Debatendo preconceitos e masculinidades



Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Quadro branco, pincel, apagador, internet, kit multimídia.

Metodologia:

1º – Momento: Apresentação do conteúdo e como ocorrerão as dinâmicas da dança.

2º – Momento: Os(as) estudantes são dispostos na sala e dialoga-se sobre suas opiniões a respeito do universo da dança e os homens. Aqui sugerimos que seja debatido assuntos como preconceitos, participação masculina na dança e masculinidade. Após esse momento sugerimos exibir os seguintes vídeos:

- **Vídeo 1** – Preconceito a respeito de homens praticarem a dança:

<https://www.youtube.com/watch?v=h9KNzKcrFik>

Clique e assista →



- **Vídeo 2** - Vários depoimentos de homens sobre os benefícios da dança:

<https://www.youtube.com/watch?v=VsedsQ4AfXg>

Clique e assista →



3º - Momento: Diálogo e impressões sobre o vídeo.



Aula 13 - Oficina de dança

Turma: 9º ano – Ensino fundamental.

Duração: 1 (uma) aula com 50 minutos

Materiais pedagógicos: Aparelho de som

Metodologia:

1º Momento: Convide um professor de dança para um bate papo com a turma, solicite que ele conte sobre suas experiências, pode abordar temas como sexualidade, masculinidade e preconceitos dos homens na dança. Sugestão de perguntas:

- 1) Já sofreu preconceito na dança?
- 2) Já se dirigiram a você com termos pejorativos ?

2º Momento: Vivência da dança por meio da coreografia ou didática do professor.



Aula 14 - Avaliação escrita do conteúdo de dança

Desenvolvimento: Os(as) estudantes são convidados(as) a escrever suas opiniões sobre o que foi discutido e visto nas últimas aulas por meio da escrita.

Questões disparadoras


- I) Qual a sua opinião sobre homens que dançam?
- II) Você acha que a sociedade influencia a presença dos homens na dança?
- II) O que você diria para um irmão/futuro filho que quisesse fazer dança?

confira o plano de aula com alguns relatos e fotos em:

https://docs.google.com/document/d/115yspwSfnllwU_ScBm71RcE68oYb179r/edit?usp=sharing&oid=100570067982745068099&rtpof=true&sd=true

Avaliações do projeto

A finalidade é verificar o que os(as) estudantes assimilaram sobre a importância de ressignificar conceitos relacionados aos gêneros por meio das práticas corporais, e se nosso objetivo, especificado nesta sequência didática, foram alcançados. Para a primeira avaliação, optamos pela dinâmica da simulação de um júri popular, depois a confecção de cartazes e por último a avaliação escrita.

 Simulação do Júri popular;

 Confecção de cartazes;

 Avaliação escrita.

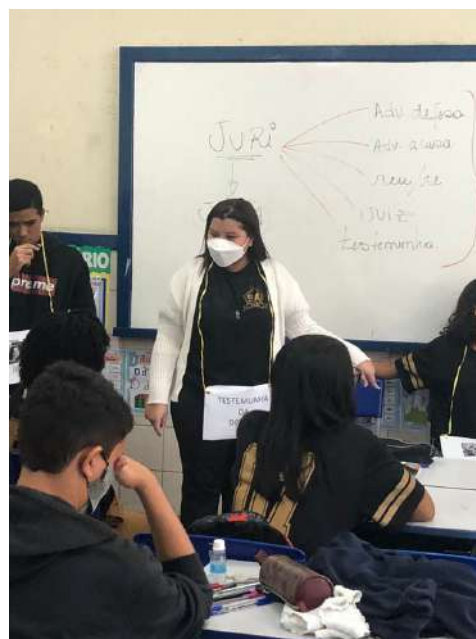


Aula 15 - Simulação do júri - Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941

O objetivo dessa simulação de Júri é verificar, de forma mais dinâmica, o que os(as) estudantes pensam sobre a participação das mulheres nos esportes. Para tal, podemos utilizar o Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941, pois nele, no Art. 54, menciona que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Explique ao grupo o que é um Júri e suas composições e distribua os papéis. Simule, por exemplo, que uma mulher (papel exercido por uma estudante) foi pega pela polícia jogando futebol e essa foi levada à júri popular para ser julgada. Faça crachás de identificação para atuações de cada participante com os(as) personagens: Juiz, advogado de defesa, advogado de acusação, a acusada (mulher que foi pega jogando futebol), as testemunhas e o júri popular.

Os/as estudantes que não estão atuando diretamente nos papéis, ficam com a função de serem o júri popular. Ao final, solicite então que os(as) estudantes que estão com o papel de júri levantem as mãos caso entendam quem a jogadora deva ser condenada; a seguir pergunte quem gostaria que ela fosse absolvida e observe os comportamentos.



Aula 16 e 17 - Oficina de produção coletiva de cartazes: imagens da representatividade de gênero na escola e na sociedade

A ideia de utilizar esse gênero textual (cartazes) é buscar, por meio das figuras, estabelecer relação com os temas que foram abordados nas aulas e transcrever por meio de imagens suas ideias e assimilações os conteúdos. Pode-se buscar parceiras com outras disciplinas, como a de arte. Em nosso caso, os cartazes foram confeccionados apenas com as turmas do 9ºA/B.

Distribua a turma em grupos com 05 estudantes cada, deixe-os/as livres para formarem os seus grupos, e cada um(a) do grupo escolhe 01 imagem que represente as relações de gênero e as práticas corporais, ao todo cada cartaz terá, no mínimo, 05 imagens. Após as escolhas, solicite que escrevam o que representa cada imagem, o que ela diz para o grupo, e verifique se há discordância ou não entre o grupo.

Durante a confecção dos cartazes, observe os grupos e analise as discussões que estão sendo geradas por meio das imagens que irão refletir na ideia da construção do cartaz.

O objetivo, além da assimilação pelas imagens dos/as estudantes, é valorizar a produção do que se construiu pelos(as) estudantes e explorar momentos coletivos para estabelecer uma comunicação entre o que eles/elas pensam sobre a temática e a comunidade escolar.



confirmam o
resultado dos
cartazes em:

https://drive.google.com/drive/folders/1OsTl6K6C1jdQdVh8Cx6ZY53y-QxpGULR?usp=share_link

Aula 18 -Avaliação final do projeto

No questionários aplicado, foram feitas 11 perguntas incluindo questões objetivas e discursivas. Percebemos que as perguntas mais "importantes", estão nas respostas das questões 1 e 2, assim como as respostas dadas às discursivas da questão 11, onde perguntamos se as discussões e reflexões feitas nas aulas contribuíram para repensarem a participação dos gêneros nas aulas de Educação Física. Outro fator importante é manter o anonimato para que os(as) estudantes sejam verdadeiros em suas respostas.



Questionário Avaliativo

Turma _____ Gênero _____

1) Das atividades abaixo, qual você mais gostou?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Jogos e brincadeiras e as relações de gênero | <input type="checkbox"/> Esportes e as relações de gênero |
| <input type="checkbox"/> Video: Invisibilidade das mulheres nos esportes | <input type="checkbox"/> Oficina de Skate |
| <input type="checkbox"/> Oficina de lutas – muay thai | <input type="checkbox"/> Video – homens na dança |
| <input type="checkbox"/> Oficina de dança | <input type="checkbox"/> Simulação do júri |
| <input type="checkbox"/> Confecção dos cartazes | <input type="checkbox"/> Palestra - Violência de gênero |

Justifique sua escolha: _____

2) Como você avalia as aulas sobre o tema gênero de uma forma geral.

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

3) Como você avalia a aula: Jogos e brincadeiras e as relações de gênero

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

4) Como você avalia a aula: Esportes e as relações de gênero

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

5) Como você avalia a aula: Oficina de muay thai

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

6) Como você avalia a aula: Oficina de skate

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

7) Como você avalia a aula: Oficina de dança

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

8) Como você avalia a aula: Simulação do júri

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

9) Como você avalia a aula: Confecção de cartazes

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

10) Como você avalia a Palestra sobre violência de gênero

ruim regular bom muito bom - Justifique sua escolha: _____

11) Como você avalia as discussões e reflexões feitas nas aulas? Elas fizeram você refletir e repensar a participação dos gêneros nas aulas de Educação Física?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher".

(CORA CORALINA)

É com essa frase de Cora Coralina que iniciamos nossas considerações finais. Faz-se importante mencionar que a trajetória do caminhar deste projeto foi composto por dúvidas, incertezas, alegrias, reflexões, debates e tensões.

Compreendemos que tal afirmação é baseada em tudo que foi construído e vivenciado nesse período por meio de nossas ações, observações e interações entre todos(as) envolvidos(as) naquele contexto escolar. O aprofundamento sobre o tema gênero e as estratégias pedagógicas adotadas para desenvolver as atividades práticas propostas nas aulas fomentaram vários diálogos importantes para a desnaturalização dos marcadores de gênero.

Desta forma, percebemos que os caminhos utilizados, serviram para atingir nosso objetivo traçado nesta sequência didática. Entendemos que as discussões não se findam neste momento, são necessárias contínuas discussões que visem romper com a manutenção e concretização de um processo dicotomizado de se perceber o movimento cultural e corporal do ser humano. Para isso, acreditamos nas potencialidades das práticas corporais como as danças, os jogos, as lutas, os esportes, as práticas de aventuras e as ginásticas para que esse rompimento aconteça, ou ao menos auxilie. Mas fundamentalmente é preciso que os(as) professores(as) mobilizem o debate sobre gênero que atravessa cada um desses conteúdos. Ressaltamos ainda que atrelar as aulas apenas ao conhecido quarteto fantástico nas aulas de Educação Física (handebol, futsal, basquetebol e voleibol) é menosprezar o vasto campo de conhecimento produzido por ela e limita a participação dos gêneros pensando na diversidade de capacidades, habilidades e experiências humanas.

De certo, as práticas corporais são compreendidas como veículos de formação de sujeitos e corroboramos com Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992) que defende uma concepção de um currículo ampliado num esforço de teorização com o intuito de facilitar a reflexão e a prática pedagógica dos/as professores/as da área, e elencam como seu objetivo central contribuir para a formação de estudantes capazes de formar, pensar, relacionar com a realidade social de forma autônoma de acordo com seu cotidiano.



Percebemos que, o sujeito ao ser capaz de ser tornar autônomo(a) em suas ações poderá promover nele(a) e no contexto no qual estão inseridos/as, atos de rompimentos discriminatórios, injustos, desiguais e machistas. Isso acontece por meio de diálogos permanentes mediante aos valores da representação social – como conceber homens e mulheres na sociedade.

Revela-se que é possível propor e realizar formas diferenciadas de desenvolver as nossas práticas pedagógicas para desnaturalizarmos participações de gênero que ali estão presentes. Pois em nossas intervenções a participação dos(as) estudantes aconteceram de forma coletiva, mesmo com algumas resistências e conflitos entre eles/elas conseguimos desenvolver as aulas de maneira equitativa.

Verifica-se a importância de um(a) professor(a) comprometido de forma crítica e perceber que a relação entre a prática social e a educação tem que estar conectado aos momentos históricos e políticos da sociedade, buscando a formação ética, intelectual e social dos(as) estudantes. Neto e Souza (2015), expõem a complexidade da nossa profissão.



O professor acumula inúmeras atribuições em sua profissão, lecionar tem como atributos básicos a pesquisa, a falar, o diálogo, o debate. O educador é o indivíduo que encaminha os estudantes para a vida, transformando a sua realizada em oportunidades, mediando o saber e o conhecimento. Esse e outros farão o educador é a ferramenta importantíssima dentro de uma sociedade, tendo em vista que é ele que irá transformar ou deixar acomodar as questões mais inerentes da sociedade, da cultura, da política e da vida. Independentemente da situação difícil em que encontrase essa profissão, o papel do professor é lutar descomunalmente para formar sujeitos repletos de valores humanos e políticos para nossa sociedade. É batalhar arduamente junto aos estudantes e a família para que esses possam evoluir e crescerem na vida pessoal e profissional (NETO;SOUZA, 2015, p.06).

Nesta perspectiva, o(a) docente precisa romper com a ideia de ser, unicamente, um(a) transmissor(a) de conhecimentos, e construir práticas pedagógicas que aspire auxiliar na formação dos(as) estudantes para exercerem a cidadania de forma efetiva e eficiente. Este trabalho não pode acontecer de forma isolada pelo professor(a), mas que toda a comunidade escolar, esteja envolvida para essa finalidade, sendo, assim, construída coletivamente.

Por fim, quando dizemos que a educação auxilia na formação integral do(a) estudante, queremos afirmar que ela não é a única instituição responsável, incluímos nessa construção a participação das esferas políticas, culturais e sociais, que precisam se voltarem para este fim.

REFERÊNCIA

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da Educação Sexual na Escola: Percepções de Professores da Educação Básica. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 221–243, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto n.º 69450, de 01 de novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1971.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física, 1º e 2º ciclos. Brasília: MEC / SEF, 1997.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 416-423.

CATUNDA, R.; SARTORI, S. K.; LAURINDO, E. Recomendações para a educação física escolar – CONFEF. Brasília: 2013, 17.p. Encontro Interativo do Sistema CONFEF/CREF's. Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, 2013.

CONGRESSO EM FOCO. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/direitos-humanos/ideologia-de-genero-e-coisa-do-capeta-diz-bolsonaro>. Acesso em 22 de jan 2023. Ideologia de gênero é coisa do capeta, diz Bolsonaro.

COUTINHO, L. Sem título. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/quadri/qa29051001.htm>>. Acesso em: 31 de ag.2021.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia, São Paulo – SP, Paz e Terra, 1996.

FRANZINI, Fabio . Futebol é coisa para macho?? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: Claudia Samuel Kessler; Leda Maria da Costa; Mariane da Silva Pisani. (Org.). As Mulheres no Universo do Futebol Brasileiro. 1ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2020, v. , p. 27-44.

GENERO NÚMERO, 2019. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/gn-recomenda-10-publicacoes-para-contextualizar-genero-no-novogoverno/?fbclid=IwAR1I7Apnv0hZ2pzQuSfP0piWcvIcD26Pn7FOoHqtWhk67iiaZIDLvMjvdo>>. Acesso em: 31 de ag. 2021.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e o reconhecimento da Diversidade. Cadernos de Formação RBCE, 2010.

KLEINUBING, NEUSA DENDENA ; SARAIVA, MARIA DO CARMO ; FRANCISCHI, VANESSA GERTRUDES . A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. Revista da Educação física (UEM. Online) , v. 24, p. 71-82, 2013.

MACHADO, G. M. C. As mulheres e o 'carrinho': gênero e corporalidade entre as skatistas. In: Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. Anais do Fazendo Gênero 10, 2013. v. 1. p. 1-12

NETO, J. C.S ; SOUSA, F. R. O Papel do professor na formação de Sujeitos: Obstáculos e desafios de uma educação transformadora. In: Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. II CONEDU, 2015. v. 2.

OS FATOS. Fatos sobre Ideologia de Gênero. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/desenhamos-fatos-sobre-ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 10 de mai. 2022.

Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c. BRASIL.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia De Gênero: Uma Falácia Construída Sobre Os Planos De Educação Brasileiros. Educação & Sociedade, v. 38, n. 138, p. 9–26, 2017.

RIBEIRO, U. W. R.; MATOS, R. da L. Heteronormatividade e produções de violências lgbtfóbicas: análise a partir da teoria queer. REVES - Revista Relações Sociais, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 06001–06012, 2020. DOI: 10.18540/revesv13iss4pp06001-06012. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/10398>>. Acesso em: 10 de maio 2022.

SANTOS, C.M.; FERRI, L.M.C.G.; MACEDO, M.E.C.M. O planejamento participativo da escola como prática inovadora. Cadernos de Educação. Pelotas n. 41 p. 175 – 187, janeiro/fevereiro/abril 2012.

MARIA DA SILVA, E.; “O Movimento Pedagógico de Gênero nas Escolas: o que e como fazem as professoras?”. 1.ed. Curitiba. Appris. 2021.

MARIA DA SILVA, E. ; ALVARENGA, E.; LUIZ ALVES DE AMORIM, F. .; BARTOLOZZI FERREIRA, E. . A “Ideologia de gênero” e a “escola sem partido”: faces de uma mesma moeda em ações políticas conservadoras no Brasil e no Espírito Santo . Revista Inter Ação, Goiânia, v. 43, n. 3, p. 615–631, 2019. DOI: 10.5216/ia.v43i3.48847. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48847>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. Cadernos Cedes.p. 52-68, Campinas, 1999.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992

SZENCZUK, L. A Concepção de Emancipação dos Sujeitos sob a Ótica da Pedagogia de Makarenko. Anais do Congresso Nacional de Educação , v. 1, p. 18960-18972, 2015.